

Cem anos de aflição

ARNALDO XAVIER*

Uma pomba branca faz serviço sujo sobre a cabeça de poeta negro. Seria uma hipotética manchete sobre uma cena que se presencia, freqüentemente, ao lado da Biblioteca Mário de Andrade, no centro da paulicéia desvairada. O fato não teria nenhuma significação se a herma (nome técnico que se dá aquele tipo de estátua, sem braços, ali, localizada) não fosse do poeta negro Cruz e Sousa (1898-1998). E para conceder cores mais negras à tragédia, o prefeito da cidade de São Paulo, acidentalmente, é o negro Celso Pitta.

Esse palco inspira um trocadilho que sugere uma funesta representação cênica. Se se imaginar, por mero exercício surrealista, que o poeta homenageado fosse Augusto dos Anjos; e, ao invés de uma pomba, fosse um urubu pousando sobre a vida, a sorte, como regurgita os versos fúnebre e escatológico do poeta paraibano.

Uma edição do *Jornal do Brasil*, de janeiro 1986, traz uma ampla e surrealista matéria sobre a extrema miséria em que viviam, então, os descendentes – três netos, seis bisnetos e 26 tataranetos — de Cruz e Sousa, residentes em Padre Miguel, na periferia do Rio de Janeiro. A reportagem informava que os descendentes do poeta estavam sendo ameaçados – por ironia miserável — de seqüestros em função do anunciado *Prêmio Literário Cruz e Sousa*, instituído pelo governo de Santa Catarina, no valor de Cr\$ 2 milhões. Uma fortuna diante da pensão de 400 mil cruzeiros mensais doada pelo governo catarinense à mulher do neto já falecido, dona Hercy Cruz e Sousa.

A matéria simplesmente assinalava que os parentes de Cruz e Sousa repetiam o destino trágico do grande poeta. Negro, filho de escravos, Cruz e Sousa teve uma vida marcada pelo estigma da escravidão. Enfrentou grandes dificuldades de sobrevivência. Sua notável inteligência e a ruptura estética do seu versar eram fatos traduzidos como pedantismo que estimulavam preconceitos, repulsas e gratuitas inimizades. Cruz e Sousa morreu de tuberculose, aos 34 anos, depois de sofrer com a morte prematura de dois

filhos e a loucura da sua mulher, Gavita, a “monja negra”. Morto na cidade de Salto, estação climática mineira, o poeta teve seu corpo trasladado como indigente — para o Rio de Janeiro — num vagão de trem que transportava bois e vacas. Uma espécie de manjedoura sobre trilhos lhe servira de cenário e transporte para a imortalidade.

Há um registro de solidariedade racial de trágica e simbólica construção poética. Por ironia, ordenando de forma simbólica os fatos, na ocasião de seu passamento em estado de extrema miséria existencial, o poeta simbolista Cruz e Sousa teve o seu féretro patrocinado por José do Patrocínio, o tigre da abolição.

Os estudos do negrólogo francês Roger Bastide foram responsáveis pela propalação de uma visão distorcida da obra, vida e paixão de Cruz e Sousa. Ou seja, marcá-lo como negro de alma branca, um mecanismo bastante usado pelos brancos para estimular ações fratricidas entre negros. Estigmatizá-lo como um negro desprovido de “consciência étnica objetiva” conforme Guerreiro Ramos, vulnerável aos processos – até institucionais – de esmagamento material e psicológico.

Apesar das correntes verbais, as formulações teóricas paternalistas, há que se reconhecer que a despeito das *elites literárias aborígenes*, Bastide tenha canonizado, internacionalizado Cruz e Sousa, colocando-o na “tríade harmiosa simbolista” ao lado de Marllamé e Stefan George.

No entanto, somente, a partir dos anos 60, com o surgimento de uma primeira geração de escritores negros brasileiros, é que esses tipos de leituras “equivocráticas” passaram a ser questionadas de modo mais sistemático. Processou-se a formulação de uma etno-crítica, uma oricrítica, *uma crítica de cabeça negra*.

Assim, o embranqueamento de Cruz e Sousa perpetrado por Bastide baseado em levantamento estatístico, na indexação das variantes etimológicas da cor branca nos versos do poeta, como se fosse possível – por esse viés tecnocrático — mensurar os níveis do esmagamento psicológico da sua condição humana de negro descendente de escravo e pobre.

* Escritor e poeta.

Verifica-se, então, a evidente falsidade da tese de “nostalgia da cor branca” de Bastide, baseada no reducionismo da existência de um certo desejo de Cruz e Sousa de tornar-se branco, estimulado pela vantagem simbólica e material da cor da pele. A premissa bastideniana traduz a ausência de consciência racial, contida na expressão “negro de alma branca”, tão vulgarizada no Brasil. Bastide também omite (isto é, não compreendeu) as repercussões no processo de criação de Cruz e Sousa, em função da sua militância política abolicionista e republicana, sobretudo como redator do jornal *O moleque*, fato que desmente as convicções eurocentristas da sua tese, que até certo ponto de vista ou de luz lembra a velha história de “mentalidade pré-lógica” de Levi Bruhl.

A matriz poética sofisticadíssima de Cruz e Sousa passou a ser uma das questões básicas do processo de recriação ontológica do negro brasileiro, empreendido pelos escritores negros contemporâneos neste fim de século. O simbolismo para Cruz e Sousa significa uma contraposição – eminentemente política — aos instrumentos ideológicos de uma sociedade escravocrata e seus correspondentes valores artísticos e estéticos. Aplicação de cores brancas (ou não) e suas múltiplas variantes são pontos programáticos transportados do simbolismo francês para uma sociedade onde a representação simbólica do branco, ainda hoje, se traduz como classe dominante. E a expressão estética dessa classe, na época, era o parnasianismo, nacionalista e triunfalista bilacquiiano.

Entre a cruz e a espada, evidentemente que Cruz e Sousa ficara com a cruz e toda sua dimensão sgnica redentorista, bem diferente da dimensão político-existencial dos traços contraculturais do simbolismo francês. Diferenciando-se criticamente do condoreirismo sentimentalóide de Castro Alves, em que pese a grandeza de sua solidariedade racial. Assim, os dardos e flechas do armorialismo crítico, na época ligado à *tradição parnasiana*, marginalizaram Cruz e Sousa. Isto é, se operou a discriminação racial no sentido de eliminação não apenas mental via incompreensão estética, mas física, em decorrência das adversas condições materiais de existência.

Para se ter a dimensão da agonia de Cruz e Sousa, *O Diário Popular* registra – há cem anos — campanhas filantrópicas do Centro Catarinense de São Paulo para ajudar o poeta de *Missal*. Isto é, a famosa e genuinamente nacional “solidariedade no câncer”. A incompreensão da transnegrescência verbal e metafórica da sua poesia pautou-se em dissociar a arte da sua condição humana de negro, pobre e discriminado.

Há, por esses ângulos críticos, um apelo excludente, revelador de uma rejeição (até) institucional, que não considera as peculiaridades espaço-tempo-

rais em relação à obra de Cruz e Sousa. Essa intolerância crítica tutela o soneto como reserva de mercado do parnasianismo. E assim se instituiu uma compreensão negativa, uma espécie de retrocesso estético, o seu uso na poética de Cruz e Sousa, transformando o formato milenar em uma espécie de grillhão branco-brasileiro e não um ins-

trumento de trabalho artístico suscetível de remodelação de conteúdo.

As dificuldades de apreensão da tamborcendência rítmica, das reiterações melódicas, da multifacetada repetição de módulos lingüísticos contidas na explosão sonora e imagética da prosa poética de Cruz e Sousa se estendem ao uso des/conexo das maiúsculas mi(s)tificadoras, da aplicação cromática das palavras.

Esses recursos tecno-poéticos, de tal modo reiterativos e originalíssimos, para época, parecem no plano existencial se referir às condições materiais de existência imutáveis do negro, até hoje, no Brasil. Há lampejos, infelizmente, proféticos em relação à situação do negro brasileiro, como revela o discurso agônico d’*O Emparedado*. A arte de Cruz e Sousa, apesar de disposta numa escala evolutiva, alimentadora de processos de renovação, foi seccionada pela ruptura modernista, em que pese o negro Mário de Andrade — que nomeia a biblioteca supracitada — ter, indiscutivelmente, bebido na sua fonte.

Do soul ao rockrap, do samba ao axé music, as repetições de formas bigórnicas ou mão-de-pilão são traços artísticos e estéticos etnopolíticos que pare-

Por ironia, ordenando de forma simbólica os fatos, na ocasião de seu passamento em estado de extrema miséria existencial, o poeta simbolista Cruz e Sousa teve o seu féretro patrocinado por José do Patrocínio, o tigre da abolição.

cem exigir mudanças estruturais de adversas ordens estabelecidas contra o negro. Não são apenas contradições estéticas, são políticas. A poesia de Cruz e Sousa, na sua época, solitariamente, operava com múltiplos conteúdos sígnicos subversivos. Nesse sentido, o poeta negropolaco Paulo Leminski falava que se seu conterrâneo tivesse nascido nos EUA teria — com certeza — inventado o blues.

A sinuosidade da virgulação, a construção (des)contínua de *Evocações* com seus textos (des)integrados da temática numa tempestade de sig-

nos, estabelece um elo formalístico com a prosa moderna, *Finnegans Wake*, de Joyce, por exemplo. Essa diversa sintonia — de fato — inaugura, através da *negritude* de Cruz e Sousa, o diálogo do Brasil com a modernidade expressa na obra de Marlamé e Baudelaire. E nos últimos anos tem-se ampliado a fortuna crítica de Cruz e Sousa, contradizendo o flagelo pouco simbolista do seu destino trágico, provocado, sobretudo, pela mesma intolerância racista que até hoje busca encobrir, através de bisonhas argumentações estéticas, a compreensão da sua obra genial.

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta
Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos e convulsionado
Salta, gavroche, salta *clown*, varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...
Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! Retesa os músculos, retesa
Nessas macabras piruetas d'aço...
E embora caias sobre o chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.